

RSI

Nascemos menino ou menina. Nesse nível que se denomina de biológico, e que às vezes é impropriamente denominado de real, já é possível fazer uma escolha. Os avanços tecnológicos da medicina reprodutiva já permitem a sexagem – a seleção do sexo do bebê a partir dos métodos de reprodução assistida - a escolha do gênero.

Esta escolha não é tudo, em se tratando do sujeito do inconsciente. Seria absolutamente tudo se só houvesse a biologia, mas a escolha do sujeito do inconsciente depende do fato de que, além de ser biológico o sujeito é ser psicológico, ou pior, é ser de linguagem. O sujeito é de saída implicado na linguagem. A seleção biológica terá de contar com esta linguagem ou mais exatamente com seu material que é o significante.

Dito de outra maneira, por um lado o filho do homem pode ser selecionado menino ou menina, mas, além disso, deve tornar-se menino ou menina. Pode passar pela sexagem, mas, além disso, será preciso passar pela sexuação - pela identificação com o significante de seu sexo.

A sexagem conta com dois referentes distintos, o cromossomo Y e X, para determinar o sexo masculino e feminino respectivamente.

A sexuação conta apenas com um referente, o falo enquanto significante, para representar ambos os sexos.

Enquanto que no nível biológico o corpo é definitivamente masculino ou feminino, o sujeito do inconsciente é bissexual. Em cada uma de suas formações, em especial no sintoma, se bem construído, se realiza simultaneamente uma fantasia sexual inconsciente masculina e uma fantasia sexual inconsciente feminina.

De modo nenhum o termo bissexualidade quer dizer 'é como ir para cama quatro', cada um levando dois, cada um levando o masculino e o feminino, como na figura mitológica africana do Orixá Logun-Edé.

Ao contrário, o léxico bissexualidade quer indicar que, dois mais dois, em vez de ser igual a quatro, é igual a Um, ou seja, que só há o falo, que só há um significante para representar ambos os sexos.¹

Trata-se de um paradoxo freudiano: por bi, não se deve entender dois, muito menos quatro, mas Um. Quer dizer que só há um significante que nomeie o gozo sexual, o significante fálico, e o Outro gozo, que escrevemos com maiúscula, gera todo tipo de problemas por não poder ser nomeado pela linguagem.

Não é muito preciso, portanto, dizer a libido é masculina. No inconsciente ela é assexuada. Por isso não pode haver relação biunívoca. A pós-modernidade resolveria isto se pudesse escrever no inconsciente ambos os sexos. Não creio que se possa escrever no inconsciente a posição homo ou bissexual. Portanto, em lugar de a libido é masculina deve-se dizer a libido é a-sexual.

Digo a-sexual, tal como Lacan o escreve, pelo fato de que não há dois sexos. O problema da sexualidade no inconsciente é que não se escrevem os dois sexos. Há a-sexo ou Um-sexo. Considerado no nível dos gêneros é que se pode dizer há masculino e feminino. Considerado do ponto de vista do sujeito do inconsciente só há um sexo.

Nomeando, com esse neologismo - asexo(ualidade)² - um novo referente, Lacan se liberta da referência biológica e pode fazer a conjunção da falta de Um sexo com a falta de Um significante.

A questão do gozo sexual passa então a enunciar-se dessa maneira: o problema da sexualidade é existir um *a-sexo*, um sexo que não tem um referente, o (*a*) designando aí a falta de um significante que possa nomear o gozo do Outro sexo.

Logo, o matema d'asexo(ualidade) quer enunciar a impossibilidade de escrever-se, sob qualquer signo, no trabalho do inconsciente, o sexo a partir de uma relação, em virtude de uma propriedade da estrutura da linguagem, da estrutura do significante.

Isto significa que "o sexo é um dizer"³ e seria preciso um dizer para cada sexo, de modo a tornar possível a relação entre dois termos, escritos como conjuntos

¹ "Pois há uma coisa que lhes deve parecer óbvia, se não há relação, é que dos dois, cada um fica um". [LACAN, J., *Seminário - O saber do psicanalista*. (04/05/72). Inédito].

² LACAN, J. *Seminário - Le moment de conclure*. (11/04/78). Inédito.

³ LACAN, J. *Seminário - Le moment de conclure*. (15/11/77). Inédito.

[[Φ]/[\emptyset]]. Isto simplesmente é impossível, o que exige escolher o conjunto vazio para escrever o que poderia ser a relação sexual.

Como escolher ser homem ou mulher se ambos no inconsciente são representados pelo mesmo significante? Se não há entre os seres falantes um modo de reparti-los como macho e fêmea, como seria possível a relação sexual, se ela precisa de dois sexos distintos e complementares⁴?

Portanto, uma boa razão para entender porque a escolha do sujeito do inconsciente é uma escolha forçada, está no fato de que a Relação Sexual é Impossível. E é impressionante a persistência, em Lacan, da questão da RSI - da Relação Sexual Impossível⁵.

Realmente o sujeito do inconsciente não distingue os sexos, daí, RSI. O nó é a mostra disso, ou seja, é preciso fazer-se, tornar-se homem, via significante fálico, ou "mulher", um significante a ser inventado a cada vez, uma suplência, sem universalização possível, que recobre a ausência de significante, daí só poder existir mulheres, uma a uma. E não seria um feliz acaso para o homem, ao passar pela posição feminina tornar-se, por sua vez, *um* homem?

Não há significante que dê conta da mulher. Só há letras dessa impossibilidade, Φ (falo sem órgão, sem significante - versão feminina), objeto *a*, $S(A)$ barrado, gozo Outro, que não diz muita coisa e que são presenças de ausências na linguagem. Só dá para saber da posição feminina, já que nada a diz de todo, quando se experimenta estar aí, n'outra.

Mas, há uma coisa: Lacan diz que a RSI, nunca se escreve, mas há momentos raros em que algo disso, de repente, se escreve, por uma contingência?

RSI, a Relação Sexual é Impossível porque no inconsciente só há Um-sexo, ou melhor, só há a-sexo, para ambos os gêneros. O sujeito do inconsciente não sofre flexão de gênero. Ele não é nem masculino nem feminino.

⁴ Com a colaboração de Bárbara Guatimosim, via rep@campopsicanalitico.com.br.

⁵ "Não há nenhum meio de repartir duas séries *quaisquer* de atributos que façam uma série macho, de um lado, e, do outro lado, a série mulher" [*Seminário 19 - ...ou pior*. [1971-1972]. Salvador: Espaço Moebius Psicanálise. 2003, p.130]. "É nisso que está a carência essencial, isto é, a carência daquilo que pudesse representar no sujeito o modo, em seu ser, do que nele é macho ou fêmea" [*Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998, p.863]. "No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea" [*Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1979, p.194]. "Não há, entre o homem macho e fêmea, nenhuma relação instintiva? [...] o homem não só não satisfaz toda mulher, senão que *A* mulher não existe. [...] *A* mulher se define pelo *não toda*, a saber, elas não se prestam à generalização, inclusive, à generalização falocêntrica". [Conferência em Genebra. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial. 1988, p.130]. "*O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo* [...] e por alguns outros. Nesse sentido há escolha, quero dizer que aquilo a que cada um se limita, para classificá-lo homem ou mulher, no estado civil, não impede que haja escolha". [*Seminário 21 - Les non-dupes errent*. [09/04/74]. Inédito].